

Empresários americanos avaliam nossas possibilidades e nossos riscos

Uma pesquisa entre os principais executivos financeiros de grandes empresas multinacionais, realizada pela Business International, uma organização de pesquisas e de consultoria, fornece evidências da mistura de esperanças e ansiedades no estado de espírito empresarial norte-americana. A grande maioria dos 106 executivos financeiros entrevistados espera um crescimento moderado no decorrer do próximo ano nos principais países industrializados, mas expressam temores em relação à crise mundial da dívida.

Os executivos multinacionais estão mais confiantes em relação ao Japão; mais de 90% estão prevendo um crescimento real japonês de 2 a 6% em 1986. Mais de 60% estão prevendo que os Estados Unidos e a Alemanha Ocidental irão crescer de 2 a 4%. Mas quase 50% acham que a Inglaterra ficará estagnada ou crescerá menos de 2%.

A maioria disse que o dólar deverá continuar diminuindo de valor em relação ao ien japonês e ao marco alemão no próximo ano. No entanto, mais de 50% disseram que este declínio será de 10% ou menos. Somente uma quinta parte dos entrevistados acha que haverá uma queda de mais de 10% em relação a estas duas moedas.

Os executivos financeiros não estão satisfeitos com a forma como os bancos internacionais estão lidando com a crise da dívida mundial. Somente 7,5% deles acham que os bancos estão fazendo "um bom trabalho", ao passo que 92,5% consideram a performance como estando entre adequada e péssima. Consequentemente, a maioria dos principais executivos das empresas multinacionais acha que a crise da dívida deverá restringir suas operações e reduzir os lucros das suas subsidiárias nos países em desenvolvimento. Um deles alertou: "O problema número

um é como iremos operar nos países do Terceiro Mundo, que estão cada vez com menos divisas estrangeiras".

10 DEZ 1984 TARDE

Eles estão preocupados com a possibilidade dos bancos tentarem reduzir os seus empréstimos aos países em desenvolvimento e, desta forma, exacerbar os perigos de incapacidades de pagamentos. É justamente este perigo que o secretário do Tesouro, James A. Baker III, está tentando evitar, incentivando os bancos a aumentarem os seus empréstimos aos países do Terceiro Mundo em 20 bilhões de dólares no decorrer dos próximos três anos.

12 NOV 1985

Os principais bancos norte-americanos e europeus aparentemente estão dispostos a investir isto, mas a questão é saber se o montante de empréstimos que Baker está tentando conseguir será ou não apropriado. Muito irá depender do ritmo da expansão econômica mundial, e da disposição dos países industrializados em manterem os seus mercados abertos para as importações vindas do Terceiro Mundo.

Os principais executivos estão assumindo uma atitude altamente adversa aos riscos, quando encaram a situação no mundo inteiro. Eles dizem que querem investir em países "seguros" e rejeitam a sabedoria tradicional, segundo a qual é necessário assumir riscos maiores para conseguir retornos maiores.

Brasil na lista

Quando convidados para colocar em ordem decrescente os países nos quais eles vêem as maiores oportunidades, eles mencionaram, em ordem de preferência: Japão, China, Estados Unidos, Alemanha Ocidental, Brasil, Itália, Inglaterra, Coréia do Sul, Canadá e França. Quando convidados a de-

clarar os países por grau de risco, eles mencionaram: Brasil, México, África do Sul, Argentina, Venezuela, Itália, Filipinas, Nigéria, Austrália e França.

Ou seja, apenas três dos países de alto risco — Brasil, Itália e França — foram incluídos também na lista dos países com as maiores oportunidades. Mais revelador ainda é o fato de que uma quarta parte dos entrevistados disse que eles reduziram ou desviaram-se de operações em mercados do Exterior por causa dos maiores riscos financeiros, ao passo que outros 20% disseram que estão com planos neste sentido.

Uma das principais diferenças entre o momento presente e 1929 pode ser que tanto a consciência de riscos como a vontade de evitar os riscos estão tão disseminadas entre os executivos de empresas e os investidores institucionais, tanto em Washington como em outras capitais dos principais países industrializados. As dificuldades de se lidar com a longa lista de problemas, que vão desde o déficit do orçamento norte-americano ao dólar supervalorizado, são sérias e não podem ser facilmente solucionadas. Mas os problemas são bem conhecidos, e um início já foi feito para encontrar uma solução. Existe um caso legitimado de esperança cautelosa.

No entanto, a esperança repousa numa crença de que uma liderança mais forte dos EUA irá se manifestar, e irá conquistar a cooperação dos demais países industriais, antes que ocorra uma crise de rompimento. No entanto, enquanto esta liderança não surgir, algum dinheiro prudente continuará, na medida em que a expansão continuar, fugindo dos países mais expostos.